



REVISTA COLETIVO CINE-FÓRUM

RECOCINE | v. 2 - n. 1 | jan-abr | 2024 | ISSN: 2966-0513

Talita Ferreira Gomes da Silva

<https://orcid.org/0000-0003-1750-999X>

Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pós-graduada em Revisão Textual pela Faculdade Iguaçu. Pós-graduanda em Educação, Gêneros e Sexualidade. Graduada em Letras: Português pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Profissionalmente, atua como Coordenadora Editorial do portal de notícias Seu Crédito Digital.

Master's student in Literary Studies from the Postgraduate Program in Literature at the Federal University of Juiz de Fora (UFJF). Postgraduate in Textual Review from Faculdade Iguaçu. Postgraduate student in Education, Gender and Sexuality. Graduated in Literature: Portuguese from the Federal University of Juiz de Fora (UFJF). Professionally, she works as Editorial Coordinator of the news portal Seu Crédito Digital.

Este artigo passou por avaliação por pares cega e *software* anti-plágio.



LICENÇA ATRIBUIÇÃO NÃO COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL CREATIVE COMMONS – CC BY-NC

“É FODA?”: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA PORNOGRAFIA

RESUMO

O consumo de pornografia ainda é uma área misteriosa e pouquíssimo explorada. Grande parte desse “desinteresse” parece estar atribuído à imagem moral da pornografia, fortemente ligada às concepções ocidentais e cristãs da sexualidade. Através de uma outra ótica, percebe-se que as relações de consumo são determinantes para a sociedade e, portanto, também influenciam diretamente tudo o que é produzido: dentre eles a pornografia. Trata-se de uma questão ampla, ligada ao desejo, à aceitação, à autoprojeção e, também, à expressão cultural do sujeito. A partir dessas relações entre os estudos sobre a sexualidade, consumo e pornografia é que se desenvolveu o presente artigo. Pretende-se compreender quais as diferenças na representação entre mulheres e homens em produções audiovisuais pornográficas, relacionar a crítica feminista com o surgimento do cinema e, por fim, questionar se a tentativa de mudança através da pornografia feminista seria suficiente para modificar algumas relações de representação das mulheres. Tem-se como problema de pesquisa o questionamento se mulheres desempenham o papel de sujeito ou mero objeto do sexo nas produções pornográficas, se o corpo feminino assume uma condição pública e, ainda, de que forma o que é representado na pornografia reproduz ou direciona o que acontece nas relações humanas e seus sistemas sociais. Por fim, admite-se que as respostas aos problemas vão além do alcance deste artigo, porém tem-se como objetivo principal levantar uma temática latente, ainda que pouco explorada pelo campo dos estudos de gênero, sexualidade e feminismo.

Palavras-chave: Mulheres. Pornografia. Representação.

“IS IT FUCK?”: THE REPRESENTATION OF WOMEN IN PORNOGRAPHY

ABSTRACT

Pornography consumption is still a mysterious and little explored area. Much of this “disinterest” seems to be attributed to the moral image of pornography, strongly linked to Western and Christian conceptions of sexuality. From another perspective, it is clear that consumer relations are decisive for society and, therefore, also directly influence everything that is produced: among them pornography. This is a broad issue, linked to desire, acceptance, self-projection and also the subject's cultural expression. This article was developed based on these relationships between studies on sexuality, consumption and pornography. The aim is to understand the differences in representation between women and men in pornographic audiovisual productions, relate feminist criticism to the emergence of cinema and, finally, question whether the attempt at change through feminist pornography would be sufficient to modify some relations of representation. of the women. The research problem is the question whether women play the role of subject or mere object of sex in pornographic productions, whether the female body assumes a public condition and, also, how what is represented in pornography reproduces or directs what happens in human relationships and their social systems. Finally, it is admitted that the answers to the problems go beyond the scope of this article, however the main objective is to raise a latent theme, although little explored in the field of gender, sexuality and feminism studies.

Keywords: Women. Pornography. Representation.

O SURGIMENTO DA PORNOGRAFIA

A palavra “pornografia” tem origem no grego, “pornographos”, que significa “escritos sobre prostitutas” (Hunt, 2000). Tem-se que algumas formas de sexualidade eram vinculadas à divindades, como no Egito, em que sacerdotisas recebiam presentes em troca de favores sexuais. Ainda existe a ideia de que na Grécia, mulheres trabalhadoras sexuais eram vistas como a encarnação de Afrodite e respeitadas por evocarem o amor, o êxtase e a fertilidade (Ceccarelli, 2008).

Para além dessa significação, a palavra “pornografia” também teria sua origem atrelada ao nome de uma coleção encontrada no século XIX por arqueólogos nas ruínas de Pompéia. Essa coleção era formada por imagens e objetos sexuais que à época eram considerados obras obscenas, cuja circulação era vetada para visualização de homens da elite, considerados “cultos” (Ceccarelli, 2008).

O museu de Nápoles, então, criou uma área destinada exclusivamente para a coleção, sendo essa, a princípio, denominada como “gabinete de objetos obscenos”. Pouco tempo depois a denominação foi mudada para “gabinete de objetos reservados” e, em 1860, passou a ser chamada de “coleção pornográfica” (Ceccarelli, 2008).

Portanto, observa-se que a pornografia, assim como a representação social da prostituta, embora andem juntas, recebem leituras diferentes ou opostas segundo a cultura. Em algumas sociedades, nas quais a noção de propriedade privada, monogamia e sexualidade são distintas do modelo ocidental, o sexo e, por consequência, o trabalho sexual, são encarados de forma totalmente diferente (Ceccarelli, 2008).

A prostituição na Antiguidade, bem como suas representações, nunca tiveram a conotação pejorativa e moralista com a qual passaram a ser tratadas no Ocidente, com sistema de valores sustentado pela moral judaico-cristã (Ceccarelli, 2008).

Portanto, a partir da etimologia da palavra “pornografia” pode-se inferir que se remete a uma experiência privada, oculta e ligada à curiosidade, com a figura da mulher tendo um papel protagonista, ainda que não como sujeito da ação.

PORNÔ OU ERÓTICO?

A compreensão das diferenciações entre “erotismo” e “pornografia” não é consenso. Neste artigo, pretende-se estabelecer um pressuposto que permita uma análise que se afaste dos critérios morais de avaliação para o estabelecimento teórico de ambos. Existe, no entanto, uma grande discussão sobre o uso dos termos, defendendo-se, por vezes, o uso distinto deles ou a

ideia de que a diferenciação não é necessária. Observa-se que dentre as posições em que a distinção é defendida, os critérios de julgamento têm ligação com a moral e sua influência.

Vê-se também posições que defendem a diferenciação dos termos como uma forma de elitizar a representação sexual. Isso porque a pornografia seria diferente do erotismo somente pelos veículos de publicação. Leite Júnior (2006) afirma que tentativas frequentes de diferenciar esses dois conceitos demonstram esforços para legitimar expressões culturais em detrimento de outras, hierarquizando as diferenças entre elas.

Segundo Baudrillard (1992), a pornografia é caracterizada pelo “hiper-real”, que revela, de forma semelhante à ótica microscópica, detalhes das cenas sexuais. Para o sociólogo, o ato de “mostrar” atende ao desejo voyeurístico pela exatidão, esgotando-se em si mesmo e desvelando minuciosamente a nudez e a sexualidade, eliminando a aura de segredo, imaginário e ilusão que cercam o erotismo.

Seguindo a linha de teóricos que têm o “pornográfico” como algo negativo, Barthes (1984) faz distinção entre o desejo “pesado” da pornografia e o desejo “leve” do erotismo. Nessa perspectiva, há caráter deturpador do pornográfico sobre o erótico.

Para Bataille (2013), o erótico, assumindo caráter metafísico, tem fundamento na experiência de busca entre corpos opostos. Numa ideia de completude entre o “masculino” e “feminino”, o autor conceitua que o erotismo é a descontinuidade entre um ser e outro. Vale ressaltar que ainda sendo as definições do autor significativamente importantes para a compreensão teórica das relações entre erotismo e pornografia, trata-se de entendimento ultrapassado, vez que ainda mantém a ideia da superioridade “erótica” e polarização entre homens e mulheres, conservando uma ideia de “passividade” versus “atividade”, dominantes versus dominado.

Perspectivas distintas dos teóricos até então representados, que argumentam pelo erotismo sendo diferente ou superior ao pornográfico, são apresentadas por Hunt (2000), Sontag (1987), Moraes e Lapeiz (1985) e Maingueneau (2010).

De acordo com Lynn Hunt (2000), o termo “pornografia” trata-se de inovação moderna, que surge para distinguir entre o que é permitido e o que deve permanecer oculto devido à sua natureza prejudicial à moral e aos padrões éticos. A partir desse ponto, o erotismo passou a representar uma versão mais delicada da expressão do desejo nas artes e na literatura, enquanto à pornografia coube a representação degradante e suja do desejo humano, abarcando aquilo que os indivíduos tendem a sentir vergonha e que, segundo as normas estabelecidas, são submetidos.

Para Susan Sontag, há que se reinterpretar essa visão condenatória. A autora se opõe à noção de que a pornografia seja um problema cultural. Sontag (1987) aborda a pornografia no contexto das artes, defendendo que há obras pornográficas relevantes, que apontam para novas possibilidades estéticas. Para ela, no entanto, o valor literário dessas obras ainda não foi devidamente avaliado, o que acaba por emprestar à palavra conotação pejorativa.

Como observado acima, a palavra “pornografia” tem sua origem ligada ao termo grego “pornographos” e, na sua concepção original, refere-se aos costumes, à descrição da vida, dos hábitos das prostitutas e de sua relação com os clientes.

O “erotismo”, por sua vez, surge como referência ao deus grego Eros, que simboliza a paixão, o amor e a sensualidade latente (Hunt, 2000). Apesar de ambos os conceitos estarem ligados à sexualidade, ao uso do corpo e às práticas sexuais, considera-se que o erótico é associado a uma representação velada, sutil e sugerida, enquanto a pornografia seria óbvia, carnal e evidente.

Existe, no entanto, uma grande discussão sobre o uso dos termos, defendendo-se, por vezes, o uso distinto deles ou a ideia de que a diferenciação não é necessária. Observa-se que dentre as posições em que a distinção é defendida, os critérios de julgamento têm ligação com a moral e sua influência.

Questiona-se, no presente artigo, o que constituiria um vídeo pornográfico e o que constituiria, por exemplo, uma revista ou livro erótico. Tem-se como exemplo o filme “Azul é a cor mais quente”, em que há a representação de diversas cenas de sexo entre as protagonistas, mas que ainda assim não é considerado pornográfico. Demonstra-se, de certa forma, que a pornografia e o erotismo não teriam diferenciação ligada ao conteúdo, mas ao local e ao modo como são veiculados.

Para Moraes e Lapeiz (1985, p. 11):

Sabe-se muito bem que aquilo que uns consideram pornográfico não o é para outros, e aí pesam não só as diferenças históricas, étnicas ou culturais, mas também as subjetivas e individuais. A variabilidade dos critérios que julgam se uma obra é ou não pornográfica é tão grande que além da referência geral à sexualidade, pouco mais pode-se dizer deles. Vários livros que hoje são considerados clássicos da literatura, outrora foram acusados de obscenos e proibidos sumariamente.

Por fim, segundo Maingueneau (2010), a definição de erotismo não é tão simples. Segundo o autor, as definições de “erotismo”, “obscenidade” e “pornografia” se entrelaçam em zonas semânticas de intersecção discursiva, chegando a ser, por vezes, considerados como sinônimos, o que torna complicado categorizá-los de forma rígida, o que também reflete na

definição dos gêneros literários atrelados a esses conceitos. Esse fenômeno de “imprecisão teórica” ocorre em função de uma valorização cultural atribuída à noção de erótico, que se encontra oculto e velado na tradição ocidental, enquanto os significados atribuídos ao pornográfico tendem a ser explícitos, gráficos e escatológicos.

Dessa maneira, cada um desses conceitos se depara com a rejeição ao outro, no entanto, consenso é que as discussões, atualmente, reconhecem a importância do pornográfico na consideração do erótico. Tomar ciência das barreiras teóricas é necessário, a fim de que não se tenha pretensão de postular os limites entre ambos, restando concordar somente que não são conceitos opostos — menos ainda superiores um ao outro.

Na sequência, tem-se como objeto de análise o corpo erótico na literatura - um corpo que se afasta do aspecto puramente biológico e é atravessado por fluxos e afetos, incessantemente ansiando pelo outro, na suspensão do “racional” e entrega ao “emocional” (Bataille, 2013). Para Jean Laplanche (1994), no ser humano, diferenciam-se dois corpos: o “biológico” e o “erótico”, sendo o último a “colonização subversiva erótica do corpo biológico, subvertendo a função pela pulsão”.

Deleuze (2017, p. 240) defende que “a estrutura de um corpo é a composição de suas conexões. O que um corpo é capaz está relacionado com a natureza e os limites de sua capacidade de ser afetado”. Segundo Emanuele Coccia (2020), “cada ser vivo é uma legião. Cada um costura corpos e ‘eus’ como um alfaiate”.

Neste ponto, introduz-se a experiência da pele como ferramenta da relação entre o “interior” e o “exterior”. Conforme Nancy (2017), o toque no corpo erótico é simultaneamente uma ação e uma reação. “Tocar agita e faz mexer, [...] age e reage ao mesmo tempo, [...] atrai e rejeita” (Nancy, 2017, p. 16). O corpo se converte em desejo. O “coração não bate mais no ritmo de uma bomba sanguínea, mas no ritmo frenético do desvario” (Nancy, 2015, p. 28).

Deleuze defende, ainda, que essa modalidade de erotismo implica na dissolução das fronteiras corporais entre os indivíduos envolvidos. Segundo o filósofo, os corpos eróticos se conectam. “Insensíveis ou bruscas, na conexão que caracteriza um corpo são também constatáveis no seu poder de ser afetado, como se poder e conexão gozassem de uma margem, de um limite, no qual se formam e deformam” (Deleuze, 2002, p. 246-247).

Segundo Foucault, essa é uma das experiências da sexualidade, quando a relação entre os corpos eróticos “[...] suscitou um de seus princípios internos de funcionamento mais essenciais: o desejo do sexo — desejo de tê-lo, de aceder a ele, de descobri-lo, liberá-lo, articulá-lo em discurso, formulá-lo em verdade” (Foucault, 1999, p. 145-146).

Fica evidente, portanto, que o corpo erótico tem o potencial de conferir um novo significado ao sujeito, estendendo-se para além de sua materialidade. Isso implica que o corpo pode ser afetado pelas experiências eróticas que têm o poder de transformá-lo. Logo, a compreensão do corpo erótico transcende as fronteiras da materialidade e explora suas dimensões afetivas, transformações e interações. O corpo não é apenas uma entidade biológica, mas também um local que projeta significado, identidade e expressão.

AS REPRESENTAÇÕES DO HOMEM E DA MULHER NA PORNOGRAFIA

Não passa despercebida a diferença entre as representações de homens e mulheres na pornografia. Cabe ressaltar que, neste artigo, tratamos do recorte da representação da categoria numa análise “macro”, que trata de homens e mulheres cisgêneros e heterossexuais, como uma categoria ampla e com poucos recortes específicos de raça, sexualidade e outros.

Inicia-se a reflexão através da exposição visual dos corpos através da pornografia. Vê-se que enquanto o corpo das mulheres comumente é exposto complementamente, nem sempre os homens têm seus corpos demonstrados. Essa nudez parcial conduz a crer que o corpo masculino ainda não tem a mesma adesão do que o corpo feminino, percepção ligada ao público que mais consome as produções pornográficas.

Em vez de vermos imagens do desejo feminino ou que atendem ao desejo feminino, vemos simulações em manequins vivas, forçadas a contorções e caretas, imobilizadas em posições desconfortáveis sobre holofotes, quadros profissionais que revelam pouco sobre a sexualidade feminina (Wolf, 1992, p. 179).

Segundo Chiland (2005), a pornografia é um motor que enaltece a posição viril da masculinidade enquanto oferece a representação submissa da feminilidade. Tem-se como base a teoria do jogo de poder de Foucault (1999), que exemplifica a visão da mulher exclusivamente como fonte passiva de prazer masculino.

Com retratações, em maioria, que apresentam a mulher como um objeto ausente de consentimento, o prazer feminino é sobreposto em razão da objetificação masculina (Wolf, 1992).

Oferecendo sexualidade como mercadoria embalada sob forma discursiva, possibilita a liberação catártica (em sentido amplo) das fantasias (reprimidas ou não) de seus consumidores – mentes e corpos libertinos, liberais, libertários ou moralistas –, transformando seus fetiches em desejo ou seus desejos em fetiches. Há para todos os gostos e apetites (Abreu, 2012, p. 49).

O olhar masculino projeta fantasias na figura feminina. Mulheres, nesse contexto, são olhadas e exibidas, tendo sua representação codificada para emitir impactos visuais de forma que se reforce a condição “para ser olhada” (Mulvey, 1995).

Para Díaz-Benítez (2009), a pornografia ressalta, simultaneamente, uma tentativa de representação verídica e espetacular. A cena deve parecer real, mas ao mesmo tempo fugir do lugar comum. É estabelecido uma espécie de pacto narrativo para que o consumidor se autoprojete no material, mas tenha acesso a algo além do convencional, que espetacularize as práticas. Ou seja, o sexo na pornografia precisa ter fundo realista, mas é consumido também por não ser.

Ao representar a transgressão social, além de uma espécie de hiper-realismo, a linguagem obscena cria o fetiche de certos vocábulos relacionados ao sexo. Ao representar uma parte do corpo, algumas palavras adquirem o status de fetiche. Em consequência, a ênfase no realismo transforma-se, paradoxalmente, em uma forma grotesca, os falos são sempre imensos, as vaginas multiplicam-se e o ato sexual é uma espécie de frenesi improvável. Isso resulta em uma pornografia imaginária e, às vezes, fantástica, ainda que seus efeitos sejam bastante reais (Hunt, 2000, p. 39).

Para além do lugar de submissão simbólico, mas também físico e visual nas cenas, existe, ainda, o conceito de “sodomasoquismo da beleza”, de Wolf (1992), o qual explica que mulheres, por mais independentes que sejam, só serão sexualmente desejadas se forem submissas.

A pornografia, dessa forma, serve como um reforço de estereótipos de gênero, criando e sendo criada, concomitantemente, por padrões de sexualidade que normalizam a submissão feminina desde a representação do corpo (Butler, 2015).

O CINEMA, A PORNOGRAFIA FEMINISTA E A TENTATIVA DE MUDANÇA DAS REPRESENTAÇÕES FEMININAS

O cinema tem sua origem em um momento crucial para a cultura ocidental. No final do século XIX, o mundo passava por significativas transformações políticas, econômicas e sociais com a Revolução Industrial e o surgimento da classe burguesa. As relações humanas se reorganizavam e, para facilitar o processo de ascensão e acumulação de capital, a burguesia desenvolveu um universo cultural à sua imagem, de forma que permanecesse um processo de dominação ideológica, estética e cultural (Mascarello, 2006).

Com a Revolução Francesa, entraram em pauta discursos que ampliaram o consumo para as camadas trabalhadoras. Fazia-se necessário, portanto, demarcar a diferença entre os

gêneros e classes na vida política e social, o que pode ser percebido também na narrativa da pornografia (Lauretis, 1994).

A representação da mulher como espetáculo, ou seja, um corpo para ser olhado como objeto de desejo, de forma profundamente disseminada na cultura, encontra no cinema a sua expressão mais complexa (Lauretis, 1994).

Surge, então, na década de 1970, a crítica feminista ao cinema, que se propôs a discutir qual seria a posição das mulheres nos filmes, principalmente nas produções clássicas. Percebeu-se que a mulher ocupava papel secundário, nunca como sujeito da narrativa e, geralmente, como objeto do olhar masculino (Mulvey, 1995).

A crítica feminista buscava discutir como os estereótipos impostos às mulheres funcionavam como uma forma de opressão, uma vez que, ao transformá-las em objeto endereçado ao público masculino, havia o silenciamento do seu papel enquanto sujeito, anulando ou, pelo menos, atenuando seu papel social.

Não é surpreendente que dentre essas críticas tenha surgido o debate sobre as representações ligadas à pornografia. Piscitelli (2005) explica que entre os anos 1970 e 1980 nos Estados Unidos houve a “Feminist Sex Wars” entre correntes feministas antagônicas sobre a pornografia. O embate era composto por feministas radicais que entendiam a pornografia como fonte de opressão feminina e feministas liberais, que a entendiam como fonte de prazer feminino com potencial pouco explorado.

Nesse contexto, ainda nos anos 1980, surgiram os primeiros filmes intitulados de “pornografia feminista”, que tinham objetivo de serem uma alternativa à pornografia *mainstream*. Não havia uma definição de regras para que os filmes fossem encaixados nesse gênero, tampouco uma preocupação com o cunho político do termo. A indicação era de que fossem filmes feitos por mulheres, que negassem a representação rotineira da mulher na pornografia.

Questiona-se, no entanto, quais os sentidos atribuídos ao adjetivo “feminista” quando se fala em “pornografia feminista”. Além disso, põe-se em análise quais as características do gênero o fazem diferente das produções tradicionais. Faz-se necessária a diferenciação entre produtos “feministas” e produtos feitos por mulheres, visto que não necessariamente são sinônimos.

Há que se questionar se existe, de fato, uma pornografia feminista, uma vez que o público consumidor ainda se mostra majoritariamente masculino e heterossexual. É o que se

observa através de entrevista com a pioneira do gênero, Erika Lust, que assume que suas produções ainda são majoritariamente consumidas por homens.

Isabelle Lima | Quem mais vê seus filmes? Homens ou mulheres? De que regiões do mundo e faixa etária?

Erika Lust | Meu público é composto por aproximadamente 60% de homens e 40% de mulheres, principalmente dos Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha (Lima, 2022).

CONCLUSÃO

O objetivo do presente artigo foi direcionado pela questão se a pornografia feminista representa ou não uma alternativa à pornografia *mainstream*, ou se é, somente, uma nova roupagem para as mesmas formas de representação feminina.

Para além de uma visão moral cristã da questão, sabe-se que as relações de consumo são direcionadores sociais que interferem, inclusive, nas relações humanas, dentre elas a representação da mulher na pornografia. Não é o objetivo que haja uma revolução no gênero quando se tem como base as relações econômicas dentro do capital, profundamente ditadas pela dominação masculina e patriarcal.

Conclui-se, portanto, que não há relações simétricas de gênero na pornografia feminista, ainda que numa tentativa de representação diferente, enquanto o que estiver sendo produzido não atender aos critérios de emancipação feminina, principal objetivo do movimento feminista.

Por fim, através do estudo das definições históricas e conflitantes dos conceitos de “erotismo” e “pornografia”, assim como da complexidade de se definir justamente esses termos, a pesquisa almejou tratar da pele como condutora da experiência erótica, principalmente através da relação entre o “dentro e fora” apresentada por Jean-Luc Nancy.

A diferenciação semântica e cultural dos termos “erotismo” e “pornografia” foi discutida de maneira a destacar sua relação, bem como afastar as ideias de avaliação crítica e moral ocidental. Defendeu-se que as fronteiras entre os conceitos não devem ser rígidas, mas sim fluidas e entendidas de maneira complementar.

O conceito de corpo-erótico revelou que se trata da experiência erótica do corpo, o que transcende a dimensão biológica e amplia seus sentidos também para a inclusão dos afetos e desejos. A análise do dentro e fora da pele, não somente na sua dimensão física, permite reforçar a perspectiva de que ela atua como mediadora das interações eróticas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Nuno Cesar. **O olhar pornô**: A representação do obsceno no cinema e no vídeo. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2012.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BAUDRILLARD, Jean. **A Transparência do Mal**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1992.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. [S.L.]: Editora Record, 2015.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição: o corpo como mercadoria. **Mente e Cérebro**, [S.L.], v. 4, ed. especial, p. 1-14, dez. 2008.
- CHILAND, Colette. **O sexo conduz o mundo**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. [S.l.]: Dantes Editora, 2020.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa, filosofia prática**. Tradução de Daniel Lins, Fabien Pascal Lins. São Paulo: Ed. Escuta, 2002.
- DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. **Nas redes do sexo**: bastidores e cenários do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia**: obscenidade e as origens da modernidade. São Paulo: Editora Hedra, 2000.
- LAPLANCHE, Jean. **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2020.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- LEITE JÚNIOR, Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais**: a pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.
- LIMA, Isabelle Moreira. **Erika Lust: ‘O olhar feminino desafia a pornografia’**. 2022. Elaborada pela Gama Revista, uma publicação do Grupo Nexo. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/e-ai-o-sexo-mudou/erika-lust-fala-sobre-porno-feminista-e-a-mudanca-do-sexo-na-pornografia/>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola Editora, 2010.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. 7. ed. Campinas: Papirus Editora, 2006.

MORAES, Eliane; LAPEIZ, Sandra. **O que é Pornografia?** São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1985.

MULVEY, Laura. **Visual Pleasure and Narrative Cinema**. Film theory and criticism : introductory readings. New York: Oxford University Press, 1999.

NANCY, Jean-Luc. **Arquivida: do senciante e do sentido**. Tradução de Marcela Vieira, Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2017.

NANCY, Jean-Luc. **Corpo, fora**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 1, n. 25, p. 7-23, jul. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/sHb5c9PyN7hPXZY66kCPj8c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SONTAG, Susan. **A Imaginação Pornográfica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.